



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIII — N.º 336 — Preço 1\$
19 DE JANEIRO DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENARIO

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

UMA CONSAGRAÇÃO

Aos que nos amam. Aos que nos odeiam. A todos e por toda a parte, damos a saber que faz hoje 16 anos que a «Obra da Rua» nasceu e logo foi consagrada ao Santíssimo Nome de Jesus. Tal consagração tem abatido sérias dificuldades, produzido as maiores espectações e não obstante, tudo é normal. Tal como os apóstolos da Ressurreição, falando ao povo dos prodígios que faziam, assim também nós hoje, pelo mesmo princípio e dentro da mesma lógica podemos e devemos afirmar: «O povo de Israel, ficai sabendo que é tudo em nome de Jesus Nazareno que vós crucificastes.»

Desta sorte e com esta suprema convicção, é que os meus sucessores se hão-de apresentar diante das autoridades e dos homens em geral, sempre que haja necessidade de lhes contar o que está feito ou de lhes pedir auxílio para fazerem mais.

Estas as palavras de Pai Américo há um ano. Se então actuais, que não diremos hoje?

Nota da Quinzena

Temos tocado muito esta nota ultimamente. Mas, num tempo em que a volubilidade tomou grande papel no serviço de egoísmos, não podem deixar de ferir os exemplos de perseverança no amor fraterno.

Era a tardinha do derradeiro dia do ano. De algures, um telefonema a perguntar a hora da missa do Ano-Novo. Manhãzinha cedo, Marido e Mulher, os dois, um só, faziam em nossa capela a primeira visita do ano. Eles mesmo declararam: «Nós queremos que seja esta a nossa primeira visita em cada ano». E este é o terceiro, desde que boa inspiração aqui os conduziu.

Nós não sabemos de outra visita mais de sociedade. Sabemos, sim, que muita gente da «sociedade» gasta o ano inútilmente em visitas vãs. Sabemos que muita dela termina um ano e principia novo em «réveillons» onde tudo é leve menos os estômagos e as consciências. Enquanto cá fora muitos outros terminam o ano como principiam: caídos no caminho perante a indiferença dos que passam embriagados do seu vazio.

Que dizer então de quem se levanta cedo, mais cedo que o costume aquele dia 1, e vem adorar Cristo, Vítima dos homens, que «passa» no Altar e continua depois o mesmo culto a Cristo Sofredor em Seus Pobres?! E isto não apenas por um impulso bom de um instante, mas por resolução tomada para sempre: «Nós queremos que seja esta a nossa primeira visita em cada ano».

Sim, não sabemos de outra visita mais de sociedade, porquanto este casal entende o sentido autêntico que a palavra exprime: comunidade; participação fraterna e livre

na totalidade dos bens. E como Deus lhes deu certa espécie de bens, eles vêm aqui, repartir com os que não têm. Pela terceira vez deixaram duas casas e levaram consigo a felicidade de duas famílias caídas que vão ser levantadas do caminho. Vieram ricos. Regressaram mais. É o «mais» que o Evangelho promete a quem tem muito. Ao mundo parece que não devia ser assim. Parece... porque ele quer entender com a «sua» inteligência. E isto entende-se com a Inteligência que o Espírito Santo dá.

Património dos Pobres

A quem nos perguntar pelo andamento do Património dos Pobres nós dizemos que é um movimento próprio da hora presente e que se está a enraizar em todos os corações de boa vontade.

Não há dia nenhum em que no correio de Portugal não circulem cartas de fogo, de entusiasmo e de caridade. É na medida em que todos se unam no mesmo espírito que o problema do abrigo dos indigentes se vai resolvendo.

E nesta união vamos, numa pequenina romagem de Natal a contemplar outros tantos presépios onde Jesus vive nos nossos irmãos. Quem vier de Leiria, logo à entrada de Alcobaga, à esquerda e rentinho à estrada, encontrará um bloco de dois pisos e com quatro habitações. Foi assim para aproveitar o desnível do terreno. Porém pedimos a todos os interessados em construir casas de dois pisos que os separem por plaças de cimento ou tijolo e não só por madei-

Tive com o Padre Américo, sobretudo nos últimos sete anos, convivência estreita e frequente. Entretanto só com o tempo e pouco a pouco pude entender a fundo este Homem Novo tão distante do rapazinho que jogava comigo o botão no terreiro da escola primária e perdia de propósito para me dar o gosto de ganhar, tão diferente do juvenil Homem Velho que voltei a conhecer antes da «martelada» que o empurrou para o convento de Tuy e para o seminário de Coimbra.

Apenas sempre a bondade e o amor pelos pobres constituíram a linha que deu continuidade e coerência à sua vida toda, desde a infância até à morte.

Apóstolo da Caridade por índole natural e por singular vocação do Alto, procurou a miséria nos seus esconderijos, fitou-a de frente, demorou-se ao pé dela, contrapoz à fria estatística do número a estatística quente e viva da qualidade. Tratou-a caso por caso, a começar do mais fundo, e fez de cada desgraçado que descobriu e conheceu, não um nome para uma ficha, mas um verdadeiro amigo pessoal.

Por isso foi mestre na ciência de fazer bem e a legião imensa dos bons, mal o lobrigou, fez dele o seu Grande Esmoler.

Abundam os episódios, que estas colunas pretendem ar-

Facetas de uma Vida



Africa, 1952

quivar e estão chegando de toda a parte, em que se revela todo o ineditismo que o singularizou como uma das figuras mais queridas e veneradas de Portugal.

Eis alguns.

Aqui perto dois rapazinhos, nove e onze anos, perderam com pequeno intervalo o pai e a mãe, gente pobre mas de bons costumes e de vida cristã irrepreensível. Muitos se condoeram e interessaram pela sorte dos dois orfãos. Mas os tios viviam com dificuldade e tinham os seus próprios filhos. Os vizinhos temiam a responsabilidade duma adopção.

Fui rogado para conseguir do Padre Américo a sua entrada na Casa do Gaiato. Escrevi, puz o caso tal qual, pedi e esperei.

Resposta pronta na volta do correio, um grande cartão com estes simples dizeres:

«Tu não sabes o que pedes. Américo».

Compreendi logo. Aquilo não era «cisco».

Passados uns tempos soube que uma mulher aparecera na Casa do Gaiato levando pela mão um filhinho de cinco anos.

— Senhor Padre Américo tome conta deste menino. Onde eu vivo (vivia num lupanar) já não posso tê-lo comigo. Ele agora já «bota sentido».

Sem carta, nem recomendação, nem nada, a porta abriu-se e o menino ficou. Aquilo sim; era com ele; porque era «cisco».

Recolher nas ruas o inocente lixo humano, carne expiatória de alheias culpas; revolvê-lo à procura do mais sujo para maior amor; aquecê-lo e aventá-lo ao calor do seu coração, e fazer prata, ou ouro, ou melhor ainda, daquela escória escorraçada para que fdssem prestáveis e bons, ou a menos não degenerassem em criminosos — era a sua paixão, diríamos a sua especialidade.

Aconteceu algumas vezes que as suas mãos toparam com alguma coisa pior que lixo. Pois, ao retirá-las conspurcadas, não as escondia. Mostrava-as condoído e triste, como se quisesse dizer-nos:

— Quem anda «nisto» tem de encontrar «destes».

Que os outros, se quisessem, tivessem nojo dele. Ele recolhia-se em Deus, lavava com lágrimas as mãos sujas, orava como ele sabia orar, e prosseguia.

Ficava sólidamente humilde mesmo quando se via proclamado um grande do seu país e do seu tempo. Mas a verdadeira dimensão da sua virtude podemos melhor que nunca avaliá-la quando o víamos aceitar a humilhação, quase procurá-la, querer sofrê-la e enriquecer-se com ela.

Confesso que este passo da sua vida me esmagou, como se tivesse desabado sobre mim o arcaboigo enorme dum gigante.

P.ª AVELINO SOARES

Património dos Pobres

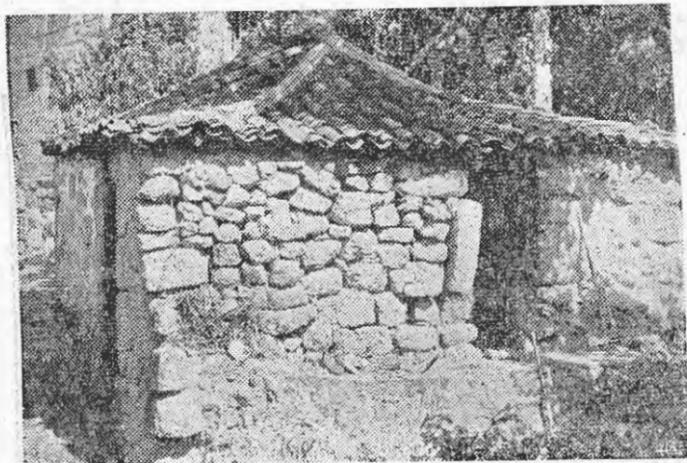
Cont. da pág. UM

mos, tal a sua extensão e situação no meio de sobreiros. Demos aos dois párocos as dez casas que tínhamos da Cortiça. Mas eles querem encher os terrenos. Têm a palavra os senhores da Cortiça.

Em Setúbal tivemos muita pena que ainda não tivessem começado. Se em parte alguma há urgência e necessidade, ali mais.

roco pede mais. Em Viana do Alentejo cinco famílias foram passar o dia de Natal a suas casinhas novas e o pároco recomenda-me que peça ao Senhor Ministro que o ajude a resolver ali o gravíssimo problema da habitação com 40 casas.

Em Reguengos de Monsarás, com a presença do Senhor Arcebispo de Évora e Subse-



Amarante, Julho de 1956.

No caminho assistimos à entrega de oito em Vendas Novas. Foram as primeiras dum conjunto de vinte e quatro. O Senhor Arcebispo de Évora, não podendo estar àquela hora, mandou o Senhor Vigário Geral. Muita gente e muito entusiasmo. As casas estavam mobiladas por um «farrapeiro» que se realizou. Um senhor ofereceu ali mais uma casa e a Escola Prática prometeu outra. Poucos momentos antes o senhor Prior tinha-me levado a dar uma volta pelos arrabaldes da vila. Apesar de eu já andar habituado, vi por ali do pior que tenho visto. Ali é um centro. Há o Caminho de Ferro. Há a sopa. Há a Escola. Quem anda sem eira nem beira passa ali e fica. Daí o amontoado e uma cabana desabrigada com um família a cada canto e o mais que por lá vimos. Duas das habitações entregues têm o leiteiro «Oferta da Junta Nacional da Cortiça» e o pá-

cretário da Assistência, foram entregues as primeiras dez. E voltando em direcção ao norte vamos encontrar duas em acabamento na Lousã e outras a começar.

E esperamos que o ano de 1957 seja ainda mais fecundo.

Padre Horácio



1 de Janeiro de 1957. Ano Novo — vistas novas.

O Júlio tem-me apertado. Daniel ainda mais. «Que têm sido muitos mais... Que corte eu neles...» Por outro lado os senhores escrevem que não viram no jornal notícia do seu donativo; se sim, se não, foi recebido.

Ora para descansar gregos e troianos vamos aqui fazer uma combinação.

Procuraremos registar nesta secção todos os donativos recebidos, mas se algum nos falhar, os que não virem o seu

descansem que aqui tudo vem dar. Até cartas abertas com dinheiro! Tomo já por confirmação esta carta:

«Incluo nesta uma senha da C. P. para levantamento dum migalha sem importância que envio para os miudinhos do nosso inesquecível Pai Américo.

Não vale a pena acusar a recepção, para não fazer despesa com o correio, nem são precisos agradecimentos visto

tratar-se duma obrigação da minha parte.

Peço para que de futuro sempre que eu envie o que puder, V. aceite sem se incomodar com acusar o recebimento».

Duas peças de cotim, de Guimarães. Os habituais 100\$ de Coimbra «para os nossos irmãos do Barredo». E os costumesiros das viúvas da nota da quinzena e do filho que barrega. E muitos outros pro Barredo. Até um alemão.

Vários bolos-reis duma Confeitaria do Porto que fizeram a nossa sobremesa no dia de Reis.

De Boma, Congo Belga, 100 Angolares do Júlio e da Júlia.

2.815\$00 deixados no «Comércio do Porto». Outra vez África. Moamba com 500\$00. Vila Teixeira de Sousa com sapatos, óptimas roupas e uns sabonetes muito bem cheirosos e mais 500\$00.

E Benguela. É uma Maria que se queixa de não ter visto anteriores remessas. Mais Congo Belga com 500 francos. E Lourenço Marques, falando por muitas bocas. Voltamos à Costa Ocidental. Nova Lisboa, 500\$, «produto de uma melhoria de situação». Os empregados da Casa Liz de Luanda com 104\$50. E Membassoco fecha a representação do Ultramar.

Mais «4 irmãos da Bairrada», mais uma heróica Mãe que é professora no Estoril e 200\$ de Lisboa «para a Obra mais sublime que entre nós se realizou». E «uma migalhinha de 100\$, do produto das minhas primeiras explicações e primeiro dinheiro que ganhei com a minha máquina».

Mais um portuense com «pequena quantia para a Luz dum novo Lar, pelas graças de Deus que recebi em 1956». Bem-aventurados os agradecidos! «Um grande pecador, solenizando o nosso 43.º aniversário de casamento» manda 500\$.

A «Johannisberg» levou um empurrãozinho de 700\$ esta quinzena. Assim, estou a ver que temos de «puxar» por ela sózinhos!

Terminam os trabalhadores. Cada voz é um cântico que nós não podemos omitir. Do mealheiro do pessoal da oficina do Senhor F. Trigo 350\$. Quinhentos dos «Tecidos Invicta». Uma peça de fazenda de O. Bairro. Mais Pessoal da Bial, a gerência de «A Invencível». E duma Casa de Sementes, do Porto, que mensalmente aqui aparece. E um saquinho de moedas das costureiras do Hospital de Santo António. E 1.000\$ de um deputado que se tem batido pela causa da habitação do Pobre. E o pessoal da fábrica de tabacos «A Portuense» que foi aos mealheiros das várias oficinas e mandou o que lá deixaram durante os últimos 6 meses de 1956: 2.628\$. E «a prestação continua e até ao 1.º domingo de Julho, em Paço de Sousa, se Deus quiser».

Até lá e que Deus vos ajude.

AQUI, LISBOA!

Deus pensa e as obras surgem.

O homem, quando é de Deus, também faz surgir as obras, ao pensar nelas. Há a contingência do tempo que não permite a efectivação imediata, mas trata-se de contingência, porque a obra já existe. Tem sido assim com todos aqueles que encetam as suas como obras de Deus. Ainda só o pensamento prescreveu e já tudo é realização. Por vezes o próprio homem não abarea o âmbito total das suas concep-

ções. A amplidão é com Deus. Os limites pertencem-lhe, como lhe compete igualmente tudo quanto seja entrave material. É questão de fé da parte do homem.

Quem age segundo o espírito do mundo traça projectos, angaria fundos, acautela desaires, ajusta medidas e contudo as obras nem sempre andam. O homem que trilha as veredas de Deus esquece os fundos, é «imprudente», arrisca-se e quando menos se precata as coisas aparecem sem que ele saiba como. Brotam na medida da fé. Andam e desandam consoante esta. É o caso da Obra da Rua. Começa com um acto de fé muito grande em resposta ao grito aflitivo do Garoto das ruas da Baixa de Coimbra no final das colónias: «deixe-me ficar aqui que a gente em casa passamos fome».

É o caso de quantos operam com e por Deus. As vicentinas do Rego vibram com a dor de tantos tuberculosos convalescentes, pretendendo regressar a casa sem a terem e obtêm-na com quinta anexa e instalações adequadas a jeito de solar onde aqueles sentem hoje o retorno à vida.

Há muito tempo, que por força da mesma crença possuem pavilhão no Hospital do Rego, para recolher os que ali arribam, quantas vezes para findar os dias duma existência sofridora que não tem lugar no hospital.

Agora, instalam na Curraleira posto de Assistência em géneros, tónicos e igual dose de carinho aos mais «tocados» que vegetam em lugar tão sombrio. Aguarda-se a altura de começar. Ninguém duvide do Evangelho: «Quem disser a este monte: tira-te e lança-te no mar e não hesitar no seu coração, mas crer que se fará quanto disser, tudo lhe será feito». Quando a necessidade advém, haja fé e amor e jamais problema algum terá incógnitas insolúveis.

Ora as vicentinas de Lisboa derrubam montes. Todas as portas se escancararam para lhes dar passagem. Outras mais pedadas se entreabrem. Eu penso que já têm postos assistenciais em todos os recantos da

Continua na página TRES

CANTINHO DOS RAPAZES

Nós não sabemos dizer suficientemente o valor da Família. Para compreendê-lo não há como regressar ao princípio, quando Deus fez à Sua imagem o homem e a mulher e lhes deu a missão de povoar a terra e o domínio de todas as criaturas. Nenhum outro dom de colaboração, nenhuma outra associação mais íntima ao Seu poder criador do que esta, concedida ao homem e à mulher quando o amor os torna um. A missão divina não foi confiada sómente ao homem, nem à mulher sózinha. É preciso que os dois se tornem um só, para que Deus entregue aos dois como se fossem um só o poder maravilhoso de propagar a vida. Quando o homem e a mulher se tornam num só, dos dois se fez uma família. Em tempos mais recentes

Deus fez-se Homem. E embora a Sua geração e o Seu nascimento sejam singulares, a verdade é que Ele nasceu de uma Mulher casada e foi antes de tudo a benção de uma Família que por ser Sua é Sagrada.

Dois factos que nos põem na perspectiva de Deus e nos revelam o valor divino da Família.

Ora a maioria de vós, meus rapazes, será chamada um dia a constituir uma Família. Ou a construir pelo modelo de Nazaré e sereis abençoados e felizes; ou a tomáis como instituição puramente humana e acabareis por falhar.

Formar uma Família à semelhança da de Nazaré não é o mais fácil; exige preparação. O noivado é essa preparação. A Igreja conta-o entre as suas instituições, a par do novicia-

do, que é a grande prova final antes dos votos de um religioso. Assim como este se não prende definitivamente à Igreja, sua Noiva, sem passar pelo noviciado, assim o homem e a mulher se não devem entregar até à morte sem se terem provado que Deus chamou os dois a ser um só para lhes dar missão.

Foi por isso que demos relevo ao começo do noivado do Abel e o prégamos à estação da missa e o comunicamos aqui aos rapazes das nossas comunidades. Para darmos testemunho de quanto Deus considera a Família e de quanto nós desejamos que vos prepareis seriamente, religiosamente, para aquele estado em que Deus vos dará a missão de povoar, de dominar, a ti e a ela, como a um só.

A G O R A

Eu dou a palavra a um operário. A sua carta é luz a esclarecer os homens acerca da Verdade. Se eles quisessem, se todos se doessem como este, não haveria tanta fome e sede de justiça a cobrir a face da terra.

«É para uma telha para o Património dos Pobres, que eu também sou pobre sou um operário e a trabalhar só 4 dias pena tenho de não poder dar muito para ajudar essa obra grande, obra, sem limites, pena é que os homens que podem, não a saibão compreender, eu já lembrei que era bem que ouvesse alguém que lembrasse ao estado para que todo o empregado e assalariado descontasse meio por cento.

Sr. Padre se tudo quanto trabalha descontasse meio ou um por cento, era para essa grande obra uma fonte de receita boa e a nós não nos fasia falta, e assim os pobres ajudavam o que são ainda mais pobres.

Tenho pena de isso não estar ao meu alcance que tudo se faria por amor de Deus. Não desanime Sr. Padre que Deus ade ajudar quem trabalha pelo seu amor».

Além de muitas migalhas, vindas de perto e de longe; de restos de assinaturas; do que foi entregue no Espelho da Moda ou no Lar, ou em Lisboa, ou em Coimbra; dum aumento de ordenado ou duma 1.ª renda recebida — temos hoje a procição, cheia por muitos conhecidos e por outros que aparecem uma primeira vez. O Pessoal do Grémio de Panificação 206\$. Do peditário no Bairro Costa Cabral mais 680\$ e 468\$ do mealheiro-casa, da Tabacaria Cardoso e Carvalho. Quem lá entrar por tabaco, acautele-se! E já que falamos em tabaco vêm a propósito os 20\$ mensais do que se priva desta quantidade de cigarros.

Em Miranda uma visitante à partida deixa uma casa nas mãos do chefe. Dos sócios do Rotary 25 contos. Na União do Grémio dos Lojistas do Porto recebemos uma casa da dita e outra da Casa da Sorte, mais 4215\$ ainda.

Os Caixeiros Viajantes Portugueses vieram aqui entregar 12 contos e o peditário continua, desta vez para o Calvário. Os primeiros 6 contos do grupo dos Carlos. Não dizem, mas eu cuido que há-de haver pelo menos 2.ª remessa para a Casa dos Carlos. Eu cá sou Carlos. Quero que o meu grupo faça figura.

Em Lisboa entregam a «Casa Esperança», mas faltam 2 contos. São 12; não 10. E ainda assim aqueles não chegam, mas têm a virtude de atrair migalhas e a casa faz-se à sombra dos 12.

E agora, se me permitem, um parentesis. Não nos entreguem casas com fixação de lugar. Nós não nos podemos comprometer. Às vezes é muito difícil encontrar terreno ou vontades aqui ou ali e há de uma coisa e outra acolá. Não nos podemos prender. «Andamos com os que andam» — é a

regra de Pai Américo. Por isso, quem dá a casa com condição de lugar, faça o favor de a entregar ao pároco respectivo. É mais directo. Mais simples.

Agora vêm aí mais pedras de «casas a prestações», como a gente diz em nossa gíria.

«Para terminar bem o ano, fiz o propósito de mandar todos os meses uma prestação de 100\$ para uma casa que se chamará «Casa do António e do Fernando». Outro que inicia uma casa em memória de seu Pai e quer que ela se chame simplesmente «José». O do plano decenal vai na 11.ª prestação do 2.º ano e J. L. para a casa «A minha noiva» só lhe ficam a faltar 8 contos. Mais 70\$ para a casa dos universitários de Coimbra. Quinhentos escudos que se vêm juntar aos 6.400\$ já reunidos pelos professores de Proença-a-Nova. Parece que por ali há sonolência. Alto lá! Antes dos 12 ninguém tem o direito de dormir! Mais 340 dos empregados do Banco Espírito Santo em Guimarães. E uma casa «de alguém que tem casas a mais para alguém que tenha uma casa a menos». Oh legenda!

Visado pela
Comissão de Censura

O MORRIS

Um novo, sim, mas não «Another».

O «Minor» que ontem trouxemos de Lisboa é o quinto de uma série principiada no mais aceso da última guerra e que promete continuar até ao fim.

Nesse tempo era difícil conseguir um carro. Pai Américo bateu àquela porta a pedir urgência. No mesmo dia trouxe um... dado. Desde então, no envelhecer de cada, é troca por troca. Este é o quinto.

E assim, o Morris entrou de tal sorte na nossa vida; Pai Américo tanto falava dele, quase personificando-o — que não se concebe Paço de Sousa sem um Morris. Ele é o carro da «nossa» tradição.

Lêramos há tempo que o «Minor» se batia na vanguarda dos carros mais económicos. Sucede mais: que entrou há dois anos ao serviço desta casa uma furgoneta «Minor» que tem sido a menina dos meus olhos. Daí ter vindo um outro, sim, mas não «Another».

Quando fôr o tempo de o calçar de novo, esperamos encontrar a Mabor igualmente fiel à «nossa» tradição.

ADQUIRA O LIVRO
«BARREDO»

Pedidos à Editora: — Tipografia da
CASA DO GAIATO. Paço de Sousa

CHALES DE ORDINS

Dozaram o primeiro ano de existência os Artesanatos de Chales de Ordins. Passamos o Cabo das Tormentas e com eles os 1.500. É terra de Boa Esperança a que pisamos, depois de tantas dificuldades. Continuaremos, norteados pela Caridade, pois os de Ordins não são simples artesanatos, como tantos outros, disseminados pelo país. São a exemplificação das Obras de Misericórdia, espirituais e corporais. Vinde e um artesanato, são 84 pessoas com mais abundância de pão. Já há mais alegria em Ordins. Se já homens, mais facilmente poderão ser cristãos. O Evangelho não é uma utopia. Cristo e Sua Igreja não são blasfemados.

Se a maldade dos homens vier ceifar a vida dos nossos artesanatos, Ordins regressará ao nível infra-humano que até aqui vinha arrastando.

Quem nos julgar comerciante ou industrial, medir-nos-á com a sua própria medida. Os leitores do Famoso não são assim. Prova? Nos estabelecimentos comerciais, regateia-se, pede-se um descontinho. Aqui não. Paga-se, muita vez, mais que a conta. Os arescimos são de todos os dias. Bastará, como exemplo, dizer que os excedentes, desde o encerramento da Exposição Agrícola tocam os mil escudos. Somos envolvidos por uma atmosfera de grande simpatia. Nacionais e estrangeiros felicitam-nos pela benemérita obra de intensificar e manter os artesanatos rurais. Pessoas de todas as classes sociais e de tantas terras fazem-se propagandistas sem lho pedirmos, nem estimularmos com a comissãozinha, nem agradecermos, tão pouco. Ninguém quer ficar de braços cruzados. Como o mal, o bem é contagioso.

Conhecemos outros artesanatos no país e a sorte das artesãs, quando exploradas por quem tudo orienta. Exploradas. Sugadas. Dá pena. Que não se diga cristão quem assim procede. Conseguem-se fortunas. Grandes negócios. Automóveis. Fábricas. Mas o pobre continua a servir, esmagado. Vive em casas de colmo, como seus avós. Não tem pão para o dia em que vive. Como terá seguro o dia de amanhã? Senhores directores dos artesanatos, reparti com os Pobres. Dai-lhes um ordenado humano, compatível com os lucros. Arranjai amigos com as riquezas da iniquidade, se quereis salvar-vos.

Vão em primeiro lugar os de mais longe. Lobito (Angola) vem por um chale — manto para o meu filho, estudante na Coimbra-Doutora. Ainda Lobito um para Lisboa. Outra vez por um grande para sua mãe residente em Coimbra (Ervedeira). Mais Sá da Bandeira com 350\$ para um de cada tamanho. Ponta Delgada (Açores) também vem por um grande com 140\$ e o Funchal (Madeira) por um dos médios e outro dos pequenos.

Agora a vez do continente. Todas as provincias. Pessoas que encomendaram, gostaram e tornaram. Outras pela primeira vez. Lembranças a criadas, pobres, pessoas de família. Sacerdotes, Religiosas, Seminaristas, Vicentinos. Todas as classes sociais empenhadas em semear o bem,

para não aparecerem no Tribunal de Deus de mãos vazias.

Pequenos (65\$): Coimbra vai com 7, seguida de Lisboa com 6, Alvaiázere com 3, Chaves, Oeiras, Vilar Formoso e Alijó com 2, Porto com 4. Vieram pelo seu: Vermelha (Cadaval), Portela de S. Tiago, Parede (Costa do Sol), Évora, Águeda, Ourém, Famalição, S. Pedro do Sul, Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Covilhã, Tabuaço e Veiros.

Os médios (95\$) têm sido igualmente procurados. Lisboa vai na frente com a dúzia, Praia de Mira com 10 para pobres e viúvas, Tentúgal, Portimão, Magão e Porto com dois. Bateram-nos à porta por um: Alcanena, V. N. de Gaia, Olival, Vila de Rei, Caldas da Rainha, Braga (é para minha primeira netinha e por isso o desejava branquinho e muito lindo), Mangualde, Aguda (Avelar), Coimbra, Almada (120 para um médio, pois tenho lido o vosso jornal e vejo o desenvolvimento da sua obra sinto tristeza de não poder contribuir, mas só Nosso Senhor o sabe as dificuldades da minha situação), Vimioso, Lameda, Valbom, Mafra, Macieira-Liz, Fronteira (Alentejo), Póvoa de S. Miguel, Pontével, Crato, S. Bernardino, Penhalonga, Vila Viçosa, Moura, Alpedrinha, Vilar Formoso (Tudo o que é feito por amor de Deus resulta bem, e o êxito é seguro), Veiros e os Hospitais de Cantanhede e Eriçeira. Até agora nenhum suplantou o de Nazaré. Daqui partiu uma religiosa para o de S. Marcos (Braga). Veio contagiada e está a contagiar. Vai com 20, além dos que veio já buscar a Ordins. E há-de continuar.

Com os grandes (125\$) sucedeu a mesma procura. Lisboa leva 12 encomendas, Porto 8, Serpins 3, Vale de Prazeres e Penaguião dois cada. Com o seu vão: Santarém, Amadora, Praia de Mira, Lageosa da Raia, Covilhã (não fabricamos echarpes. Ofereço com alegria o restante — 25\$ — para a consolda da mais pobre das tecedeiras. Sim, será para uma enterrada até às orelhas. Está a pagar de juros 12 e 24 por cento...), Sardoal (olhe que são 125), Leiria, Aveiro, Viseu, Alcobaça (tenho muita pena de não poder mandar mais alguma coisinha para os seus pobres. O chale é para uma viúva que não tem nenhum. Sabe Deus o tempo que se anda a juntar para ele. Já era para se ter mandado vir o ano passado). Perseverança e heroísmo. Urgueira, S. Cruz da Trapa, Rede, Vilar Formoso, Veiros, V. N. de Gaia e Sintra (quero contribuir de qualquer forma para a sua obra de que sou uma grande admiradora. São 150 duma senhora estrangeira).

Côres: branca, rosa, azul celeste, castanha clara e escura, cinzenta, cardinal, beije, azul marinha e preta. dirigidos à Conferência de S. Vicente de Paulo — Ordins Paço de Sousa. A cobrança, não peçam, que não aviamos. Vales: pagáveis em Cete e O aviamento é, por vezes, susceptível de demora. Ainda

não foram aviadas todas as encomendas de chales brancos que vieram da Exposição. Sejam compreensivos e desculpem-nos.

Ora leiam: «Fiquei encantada não só com a cor e qualidade, como confecção. É muito bonito, a côr linda e macio como penas». É Coruche. É um chale de Ordins.

Padre Aires

Uma Carta

«Cheguei a casa no sábado. Andei por X com o F. Fomos visitar doentes e os presos da cadeia. Junto do presépio que irmãos da caridade lá foram armar, todos à roda cantamos e rezamos. Houve pão de ló e vinho do Porto e no fim uns cigarritos. Isto foi iniciativa do F. que já os conhecia de por lá ir nas férias. Deixei por lá boa parte dos escudos que me deu. Ninguém sabe ser mais agradecido do que os Pobres.

Por aqui ainda não acabei as visitas. O tempo não tem permitido muito sair de casa. Mas tenho agora uma bellissima ocasião. O meu pároco mandou-me fazer o peditário para o Monumento a Cristo Rei, passando à porta tanto de ricos como de pobres. Vou conhecer mais alguns que antes não conhecia e estou com vontade de fazer surpresas aos mais pobres.

Hoje, o grande dia da Obra. Não perco um segundo. Bendito seja Deus que nos trouxe tanta Esperança. A Obra da Rua é uma esperança para os pobres, para as crianças infelizes, é uma esperança para todos os que verdadeiramente desejam a paz entre os homens. Quantos um dia no Céu bendirão a Deus porque a Obra os levou a amá-Lo mais! Quantos no Céu bendirão Deus porque a Obra os ajudou a viver sofrendo e morrer amando. Também neste dia dou graças a Deus por me fazer conhecer e amar a Obra da Rua. Não que seja só hoje, mas porque este dia é consagrado pela graça que Deus nos fez da Obra da Rua.

Hoje queria estar aí para viver mais. Viverei este dia com Jesus que recebi em mim e a quem peço por todos».

Aqui, Lisboa!

Cont. da pag. DOIS

capital onde a necessidade é premente. Se elas o pensam já existem.

A fé tudo consegue; nada se lhe pode opor. A olhos humanos o crente é louco e imprudente, mas tem o que pretende e em grau de intensidade correspondente à sua fé.

Folguem, pois, todos os desvalidos que mão amiga os vai amparar.

Padre Baptista

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

— Nas vésperas do Natal houve grande despacho cá em casa. Era ver como os antigos cozinheiros se ofereciam para fritar filhós e rabanadas! Até os sapateiros se ofereciam para saborear o petisco. As sete horas da segunda feira era a senhora que estava em apuros pois não tinha rapazes para descascar as batatas. Tiveram de ir alguns dos mais velhos fazer tal serviço para não atrazar, pois ainda tínhamos a récita para as dez horas.

As nove horas fomos jantar rancho melhorado como nos mais anos: batatas, couves, bacalhau, sem faltar o vinho; no fim houve cigarro aos mais velhos, seguindo-se o teatro ao qual assistiu muita gente da terra. Acabado este, fomos directamente para a Igreja assistir ao Santo Sacrifício da Missa sendo a dita cantada.

Acabadas as cerimónias fomos uma vez mais, para a mesa saborear as rabanadas e filhós, tudo acompanhado de café.

Sem mais atraso fomos para a cama dormindo até às 9 da manhã. As Cerimónias não acabaram assim; durante o dia houve tacho melhorado, terminando com broas, e à noite houve cinema.

— O nosso campo de futebol está esplêndido. Para nós cairmos em dias de chuva, lama não falta. Não quero dizer com isto para cá não virem jogar; pelo contrário, qual é o Grupo que tem canetas para nos derrotar em tais marés? Se querem experimentar, é arranjar onze e marcharem a caminho do Tojal para comerem uma derrota. Os Gaiatos do Tojal são especialistas a escorregar na lama como se andassem de patins.

— Os nossos balneários já têm madeira pronta a pregos. Com este andar temos banhos ainda este Inverno, sem esquecer o aquecedor, coisa tão precisa em tais casos.

— Estamos com falta de muita coisa, pelo menos meias e sapatos. Se alguém tiver bom coração, ficai sabendo que os gaiatos do Tojal andam descalços nestes dias de geada.

— Há muito que o Anastácio me anda a chatear para pedir no Famoso material para barbeiro. Diz ele que várias vezes corta mal o cabelo por falta de ferramenta. Se houver por aí alguém que queira ter a bondade de fazer o jeito ao Anastácio, ele fica muito agradecido.

Oscar Manuel G. da Silva

SETÚBAL

Mais um Natal do Deus Menino. Como não podia deixar de ser o Natal foi para nós uma festa de muita alegria.

Fômo-nos confessar a Setúbal mas com tanta infelicidade que chegamos ao meio do caminho e partiu-se o acelerador da furgoneta. Mesmo assim lá conseguimos chegar. Tivemos sorte porque a oficina estava a fechar e já não foi sem alguns protestos que o mecânico a arranjou. Quando chegámos a casa eram horas de jantar. Todos fomos para a mesa alegres e bem dispostos. E a disposição era de tal ordem que os serventes tinham de andar ligeiros porque a rapaziada não se distraía. Em seguida fomos para o nosso salão de festas, arranjado à pressa, onde se realizou uma pequena sessão de teatro. Os artistas que eram todos pequenos saíram-se bastante bem. O senhor P. Baptista passou em seguida alguns filmes que muito nos fizeram rir.

À meia-noite tivemos a Missa do Galo. A Capela, que aos domingos fica quase sempre vazia, estava completamente cheia. No fim da missa houve a cerimónia do beija-pés.

No fim de sairmos da capela fomos para o refeitório onde tomámos uma cafézada com bolos. Veio passar a noite de Natal conosco o Senhor Quaresma, nosso grande amigo, juntamente com sua Esposa.

Em seguida todo foi para a cama feliz e contenta sendo que aquilo que o Pai Natal lhe poria nos sapatinhos. As quatro horas da noite ouvimos barulho na camarata. Era o Sr. Padre Baptista que andava servindo de Pai Natal distribuindo presentes.

Agora só me resta desejar a todos os leitores um ano feliz e cheio de prosperidades.

Crisanto

PAÇO DE SOUSA

— Notícias de Paço de Sousa. Mais uma série delas, fresquinhas...

Primeiro quero agradecer a todos os amigos que corresponderam ao meu apelo e me enviaram selos. O meu Album já está em festa e mais animado ficará se todos os meus amigos quiserem. Não tenho dúvidas nenhuma que tal acontecerá. Para já, levantaram o dedo: Geni Costa, Minas Gerais, Brasil, Júlio Amorim de Penafiel, Uma admiradora, de Lourenço Marques, Agostinho Ricon Peres, do Porto.

A todos os amigos os mais sinceros cumprimentos, que continuem a viver com gosto neste jovem ano de 57 e continuem a «mandar chover» que eu aparo...!

— Baíla ainda em nossos ouvidos a doce canção do Natal, a grande alegria que todos viveram por dentro e por fora. A nossa infância está inteiramente ligada a esta casa e estes elos tornam ainda mais forte a nossa ligação.

— O prémio dos presépios ainda não foi entregue. Vai recebê-lo a malta da Casa três, que organizou o presépio mais harmonioso. Andam todos contentes, ganham gosto e para o ano vão fazer o possível por fazer ainda melhor!

Os outros que não puderam ganhar, pois para haver um vencedor, tem de haver um vencido, que tenham paciência. O vosso esforço, boa vontade, e alegria com que trabalharam é uma vitória enorme. Valeu tanto ou mais que os vencedores. Tenham sempre fé e para o ano lá vos queremos ver de novo a trabalhar, não só para que a vitória vos sorria mas também para que esta tradição se mantenha e para que os irmãos mais novos ganhem gosto e a nossa cidadezinha seja todos os anos enfeitada e para que o Menino Deus venha ficar em nossas palhinhas.

— Dia de Ano Novo. Na véspera também cá foi festa. Não faltou o pão de ló, aletria, vinho fino e bacalhau com batatas, pois sem este prato não teria sabor nenhum a ceia melhorada! Como na mesa, também na capela foi o terço melhorado e houve bênção do Santíssimo.

A seguir houve cinema e um grupo dos da casa três foi cantar as janeiras. Era uma orquestra composta por um tableiro, uma caixa e dois cortiços das abelhas, pandeireta, um disco de serra do carpinteiro, duas violas com metade de cordas boas e outras tantas partidas e lá iam eles por aí fora... Primeiro fomos cantar a todos os presépios e depois fomos para fora de portas. Era um desassossego!... Fomos a casa do Avelino, que nos recebeu juntamente com sua esposa, irmã e o menino não porque estava dormindo! Ficamos muito contentes.

E assim, cantarolando e brincando, entramos no Ano Novo, que desejamos seja repleto de prosperidades para todos.

Estávamos combinados a ir no dia seguinte a casa dos outros colegas já chefes de família, mas como nos distraímos um pouco naquele dia, tivemos de afiar o dente!...

O Mendes já tinha a mesa em forma e ficou afinado de nós não aparecermos, mas... são coisas!

— Estamos a comer na sala dos casamentos. O aperto é muito grande, mas tem de ser assim até acabarem as obras do refeitório grande. São mosaicos no chão e mesas novas de mármore e ferro forjado. Vai ficar muito tirone e nós mortinhos por voltar para lá.

— O jornal está atrazado. Foi preciso fazer um bocado de serão e lá vamos nós para a Intertype.

Pedimos um bocado de café à senhora da cozinha para animar...

Para que não arrefecesse, pusemos a cafeteira em cima da caldeira, onde o metal está líquido para a fundição. As tantas um dos lingotes dá-lhe uma trombada e lá se vai o meu cafézinho juntar com o metal!...

Ficamos um pouco atrapalhados, mas depois rimos sôzinhos. Ficamos depois a desejar que o jornal não saia a lume a cheirar a café, como alguns jornais estrangeiros conseguem fazer cheirar a perfume. Era de facto uma óptima inovação, mas a coisa não se

deu e nós continuamos como dantes!...

— Continuam as obras no edifício da tipografia. É para a vinda da célebre máquina automática que nos vai ajudar a melhorar o aspecto gráfico do «Melhor do Mundo»! Na tipografia é o assunto do momento. Os impressores já esfregam as mãos de contentes e o caso não é para menos. Vai ser um grande acontecimento e a campanha será mais facilmente levada de vência. Depois dos cinquenta mil, sessenta, setenta e por aí fora, até «O Gaiato» entrar em todos os lares portugueses e fazer sentir a grande Revolução da Hora Presente! Até lá, saibamos esperar com confiança!

— Quem partiu aquele vidro?
— Não sei.
— Ai não? Mas vais entrar!...
— Eu não vi, mas o Marmelo sabe como foi...
— Vais fazer queixa?
— Não. Vou fazer-te as caridades!
— Olha para o tipo... Eu quero ir embora...

— As obras da adega nova estão no ponto final. Mais umas voltinhas e a coisa está pronta. Fica em frente às oficinas novas. É um edifício que é um amor. Vai dar mais beleza à nossa cidadezinha, este engraçado conjunto. Os senhores venham ver!

DANIEL BORGES DA SILVA

VENDA NO PORTO

— Entre as muitas partes em que vendemos sobressai Viana do Castelo. Nesta cidade temos inúmeros amigos entre os quais o incansável senhor José de Melo que tem feito pela Obra o mais possível. Sentimo-nos muito gratos a este senhor e fazemos o apelo a todos os videntes da linda cidade de Santa Luzia, que animem e se encorajem para a venda ser melhor.

— Boas-Festas. Como não podia deixar de faltar, os meus amigos quiseram-me presentear com bastantes presentes. Primeiramente foi um bolo-rei, depois uma caixa com doces, uma gravata, uma garrafa de Vinho do Porto, um par de peúgas, etc., etc. Destacaram-se entre muitas outras coisas um magnífico fato que me foi oferecido pelos Empregados do Banco Nacional Ultramarino. Além do fato os mesmos senhores ofereceram-me uma camisa, uma gravata, um pullover e umas luvas. Como acabaram de ler, isto tudo foi-me oferecido e muitos dos meus companheiros tiveram a mesma sorte. Nota-se, por

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

UMA NOTÍCIA: Recebemos do Conselho Particular das Conferências promessa de que serão beneficiadas com generos da Cáritas as famílias visitadas pelos nossos vicentinos. Já demos nota dos Pobres. Agradece-mos oferta tão oportuna.

UM RECADO: Estava Sr. Padre Carlos, estava eu e mais outros. Avelino chega ao escritório e rapa dum pedaço de cartolina que diz: «Saldo negativo para 1957 — 7.943\$20!» Ora os senhores façam favor de olhar para a nossa dor e ver que os «maises» a seguir publicados são pouco para o muito a distribuir por quinze famílias, na maioria pessoas doentes. E a gente não resiste. Dá pra lá, sem conta, nem peso, nem medida. Tendam paciência, ajudem-nos a levar ao Calvário a cruz dos Pobres.

O QUE RECEBEMOS: Assinante 17.740, 20\$00 «em memória do nosso inesquecível Pai Américo». Esta e outras legendas afirmam a presença viva do Pai Américo em nossos corações. Assinante 2.263, de Luso-Angola, 420\$00. Delfim Vieira, 20\$00. Um Vicentino de Rio Tinto com metade. Torres Vedras com 30\$00. Assinante 17.368, 50\$00. Assinantes n.os 3.563 e 22.520, 10\$00. Idem 7.735, o dobro. Idem 10.824, 50\$00. Idem n.os 27.457 e 27.458, do Porto, 30\$00. Idem 23.998, 20\$00. Mais o assinante 13.538, 50\$00. E o n.º 16.102 o mesmo. A assinante 17.022 torna com

tanto, simpatia pela Obra, por parte dos oferentes, na pessoa dos rapazes. Daqui agradecemos, em especial eu, que fui o mais contemplado.

Por hoje nada mais, a não ser votos de feliz Ano Novo e prosperidades no mesmo.

Mário J. Correia Ramos (Banana)

BEIRE

— Tivemos cá de visita o Senhor Sub-Secretário da Assistência Social. Por isso tivemos um jantar que mandava chover. Veio a senhora do Porto que foi a cozinheira e a doceira.

— Amáveis leitores: passaram-se os meus anos e não recebi nada, por isso os leitores não se esqueçam de me mandar alguma coisa de lembrança.

— Como na crónica atrás tinha pedido uma telefonía aos amigos leitores, mandaram-nos um gira-discos

Zéquita

Tribuna de Coimbra

Quem passar a caminho do cemitério da Conehada, onde noutros tempos encontrava muitas barracas de latas velhas e tábuas esburacadas, hoje encontra novos e modernos edifícios. E pode chegar a convencer-se de que as barracas acabaram. Isto mesmo aconteceu conosco. Ao olharmos para aquelas construções não víamos o que ia por detrás.

Há dias demos uns passos mais à frente e encontramos o mesmo panorama de outros tempos. As mesmas barracas imundas, a mesma gente, os cães, os gatos, as galinhas a esgravatar no lixo do carreiro. Tudo na mesma. Houve somente a mudança de lugar. Mais nada mudou.

Entramos na primeira. Já conhecíamos de há muito aquela família. Os dois pequenitos mais velhos já vão para as nossas colónias. São quatro

mas como foi para Paço de Sousa e Senhor Padre Carlos viu que era uma autêntica maravilha, não mandou para nós. Por isso os leitores querendo mandar alguma coisa para nós não se esqueçam é para a Casa do Gaiato de Beire — Paredes.

— No dia de Natal fomos ficar a Paço de Sousa, em que comemos lá as célebres batatas com bacalhau, depois fomos ao teatro e depois fomos para a Missa do Galo, e foi naquela noite que o Filho de Deus nasceu num presépio simples, nos braços de Maria Santíssima.

— Cá temos outra vez o nosso «Dado». Por isso ele não está um momento sossegado; é «Dado» para aqui, e «Dado» para ali. Temos cá uma garnizé a chocar, por isso vamos ter muitos garnizés.

— Temos cá um rapaz a aprender a podar em Paredes que daqui a um mês está mestre.

filhinhos ainda mais novos. O pai é moço de fretes e um arrazado dos pulmões. Uma única enxerga, que serve de cama para todos, tinha por agasalho uma coberta retalhada.

Saimos desta e entramos noutra. Um rego à volta escoava a água para que não inundasse o interior. Também já nos conhecíamos de há muito tempo. A mãe era do Fundão e tem oito filhinhos pequenos e o marido é jornaleiro no campo. Havia dois colchões velhos e sujos e uns farraços em cima.

Em frente, um antro imundo, uma pobre velha com um filho atrazado, que ainda estava deitado com um cãozito à cabeceira. Passados poucos momentos era um mundo de gente à minha volta. Os pequenitos perguntavam, quando iam outra vez para as colónias.

As mães, com filhinhos ao colo, lamentam a doença do marido e pedem conforto. Outros pegam-me pela mão e «venha ver a nossa casa». Ali é um estendal de vidas e de necessidades. Era véspera de Natal.

Enquanto toda a gente que pode anda atarefada na preparação da festa da família cristã, estes que não podem, ficam-se nas suas necessidades. E nós andávamos muito contentes a julgarmos que o «bairro das latas» já tinha desaparecido completamente!...

Quanto nos custou sentirmos a mágoa daquelas mães a pedir-nos uma casinha e nós sem as podermos atender!

Como nos sentiríamos felizes se naquele momento pudessemos mudar aquela gente para onde pudesse levar vida humana e cristã! Era a festa do Natal!

E como estas famílias, quantos milhares delas por esse Portugal além nas mesmas condições e neste mesmo dia!

E nós cristãos, muito preocupados a fazer a festa em nossa casa, esquecidos de que Jesus Redentor veio para todos.

Padre Horácio

Júlio Mendes